



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

THAIS SOUZA DO ROSÁRIO

**A CONTRIBUIÇÃO DAS YOUTUBERS E BLOGUEIRAS NEGRAS
À AUTOESTIMA DE MULHERES NEGRAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

THAIS SOUZA DO ROSÁRIO

**A CONTRIBUIÇÃO DAS YOUTUBERS E BLOGUEIRAS NEGRAS
À AUTOESTIMA DE MULHERES NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira para a obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso
Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

THAIS SOUZA DO ROSÁRIO

**A CONTRIBUIÇÃO DAS YOUTUBERS E BLOGUEIRAS NEGRAS
À AUTOESTIMA DE MULHERES NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 06/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Cristina Teodoro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Erica Aparecida Kawakami Mattioli

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	8
3	OBJETIVOS	9
3.1	OBJETIVO GERAL	9
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
4	REFERENCIAIS TEÓRICOS	9
4.1	MULHER NEGRA	9
4.2	EMPODERAMENTO	11
4.3	AUTOESTIMA	13
4.4	CIBERATIVISMO	14
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
6	CRONOGRAMA	18
	REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

Sou uma mulher negra e sempre fui incentivada pelo meu pai a me autoafirmar como tal. Toda manhã, antes de ir à escola ele pedia para que eu repetisse com ele, “Eu sou negra, e não sou melhor que ninguém, mas com certeza não sou uma pessoa pior”. Lembro-me até hoje como isso me ajudou a enfrentar as discriminações de cunho racista que recebi. Mas a consciência racial me fez perceber o quão pouco eu era representada, nos desenhos, nas novelas e em filmes brasileiros. Eu me inspirava nas estrelas da música e de filmes americanos, e hoje vejo o quão diferente é a realidade racial brasileira e norte-americana. Ainda que engajada nessas questões, por muito tempo, ao ser elogiada por alguém, eu sempre me questionava, se era verdade o que me diziam, ou se estavam apenas zombando de mim. Quando algum menino dizia estar gostando de mim, raramente eu acreditava. Até porque, na minha roda de amigos, que na época era constituída na sua maioria por meninos, as meninas por quem eles diziam estar apaixonados eram sempre meninas brancas. As meninas negras sendo desprezadas ou sexualizadas por eles.

Esse é um relato de algumas situações que ocorreram na minha vida. E, infelizmente, em meu convívio não é raro encontrar meninas e mulheres negras inseguras ou que demonstram sentimentos negativos em relação a si mesmas.

Segundo Silva (2017) mulheres negras diariamente são submetidas a vivenciar situações opressoras que combinam machismo e racismo. Para ela, as ideologias racistas e patriarcais que a sociedade brasileira se fundamenta desde o seu surgimento, como, por exemplo, à concepção do que é ser uma mulher negra, são fatores que influenciam de forma direta na conquista pela população negra, por uma boa saúde, educação, produtos e serviços que suas especificidades demandam, enfim, uma boa qualidade de vida.

Mas neste trabalho minha proposta é atentar em abordar uma questão específica que envolve tanto a questão social, ou seja, da relação do indivíduo com os outros, como a relação pessoal, que seria a relação desse indivíduo consigo mesmo. Trata-se da autoestima, ou a estima de si.

Autoestima é a "uma valoração que o sujeito faz do que ele é, sendo construída nas relações que mantém com o mundo" (FRANCO, 2009. p. 326). De acordo com os autores Sánchez e Barrón (2003 apud Schultheisz e Aprile, 2013), a autoestima é considerada um indicador de importância na saúde mental, pois

interfere nas relações afetivas, sociais e psicológicas dos indivíduos. Portanto, influencia diretamente na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida da população em geral.

Dessa forma, mesmo que seja uma questão dos indivíduos em geral, de uma perspectiva interseccional, ou seja, se combinarmos marcadores sociais como raça, identidade de gênero e orientação sexual, classe, região e geração, por exemplo, podemos constatar que alguns grupos, sofrem mais opressões que outros. Assim, pretendo me atentar, nesta futura pesquisa em abordar o tema da autoestima com relação às mulheres negras.

Os padrões de beleza sofrem influência cultural e social e estão em processo de mutação constante. Mas ainda que exista variações nos padrões estéticos ao redor do mundo, é notável a solidificação de um tipo específico de “padrão estético¹”. A representação de um corpo longilíneo, magro, com braços e pernas finas, quadris estreitos, cintura pouco acentuada e seios pequenos. Assim, estar no padrão imposto pela mídia do que é entendido como belo, magro e jovem, produz um crescente culto ao corpo, gerando contradição com o real, levando a busca por padrões midiáticos (GOETZ, CAMARGO, BERTOLDO & JUSTO, 2008).

O padrão da “mulher ideal” construído pelo patriarcado no Ocidente e reproduzido pela mídia é o da mulher branca, jovem, magra, alta e de cabelo liso. As mulheres, no geral, por consequência dessas construções de dominação são mais suscetíveis a terem uma autoestima baixa. Assim como comenta a editora de mulheres do HuffpostBrasil², Andréa Martinelli

A todo momento as mulheres são bombardeadas com padrões a serem seguidos. Seja ao se alimentar, ao comprar uma roupa, ao se vestir, ao mudar o cabelo, o que afeta, e muito, em como elas constroem a sua relação com o mundo (MARTINELLI, 2016, s/p)

E quando o assunto é padrão a ser seguido, as mulheres não brancas, principalmente as mulheres negras, em interação com o padrão branco hegemônico

¹ (...) Corpo longilíneo, magro, com braços e pernas finas, quadris estreitos, cintura pouco acentuada e seios pequenos. Assim, estar no padrão imposto pela mídia do que é entendido como belo, magro e jovem produz um crescente culto ao corpo, gerando contradição com o real, levando a busca por padrões midiáticos. (GOETZ, CAMARGO, BERTOLDO & JUSTO, 2008).

² https://www.huffpostbrasil.com/2016/07/20/autoestima-das-mulheres-e-uma-questao-critica-no-mundo-todo-a_a_21693481/

machista e sexista de beleza são as que mais sofrem opressão, pois além do machismo e o sexismo, elas têm que lidar com o racismo.

Apesar das representações estigmatizadas sobre mulheres negras, que ainda hoje podemos constatar nos meios de comunicação e na literatura, em que essas mulheres foram representadas como subservientes, escravizadas, objeto sexual etc, como por exemplo, Sítio do Pica Pau Amarelo, obra de Monteiro Lobato, que criou uma personagem negra, Tia Anastácia, como subserviente; O cortiço, de Aluísio Azevedo, que constrói duas personagens negras extremamente estereotipadas: Bertoleza, a mulher retinta, que é humilhada e animalizada e Rita Baiana, representada como “mulata” que é hiperssexualizada.

Assim, é necessário identificar um processo de protagonismo e empoderamento que busca ressignificar essas representações estereotipadas. Um exemplo é o trabalho desenvolvido por blogueiras e youtubers negras que assumem a escrita na primeira pessoa e/ou usam da sua imagem no audiovisual trazendo uma nova perspectiva a respeito das representações das mulheres negras em nossa sociedade.

Uma atuação é o do **Geledés** – Instituto da Mulher Negra, que é uma organização política brasileira formada por mulheres negras, entre elas a fundadora e atualmente diretora dessa organização, Sueli Carneiro, que é escritora, filósofa e ativista do movimento social brasileiro, com o intuito de lutar contra o racismo e o sexismo. O Geledés traz assuntos relacionados a África e sua diáspora, tem como pauta a luta contra a discriminação e preconceito, em relação a questão racial e de gênero e atua em áreas como educação, direitos humanos, saúde, políticas públicas, entre outras coisas.

Outro exemplo significativo é o site **Blogueiras Negras** que é um blog produzido por um coletivo aproximadamente 200 mulheres negras, que mostram diferentes vivências de mulheres negras, valorizando as diversas lutas e demandas existentes entre elas. Lívia Teodoro, jornalista e estudante de história, vem inspirando e empoderando mulheres negras com seu blog, **Na Veia da Nega**, que foi criado em 2015, com o intuito de ser representatividade par outras mulheres pretas. No blog ela assume o papel de dialogar sobre assuntos relevantes, como história, estética, ativismo digital, etc. Já o canal do YouTube, **Afros e Afins**, coordenado pela estudante de ciências sociais Nátaly Neri, com mais de 500 mil escritos, discute a

respeito do veganismo, com recorte racial, da autoestima da mulher negra, feminismo negro, entre outros assuntos correlacionados. Entre outras influenciadoras digitais.

Então, nesse projeto busco descobrir quais as estratégias usadas por youtubers negras para contribuir positivamente na autoestima de mulheres negras.

2 JUSTIFICATIVA

Nos meios acadêmicos já está visível uma ampla discussão sobre a mulher negra. Trabalhos sobre identidade, sobre a situação dessa mulher no mercado de trabalho, a perpetuação de estigmas através de literaturas e telenovelas, bem como uma questão que está sendo abordada mais recente, que é a relação entre solidão e afetividade, dentre outras discussões³.

E por mais que a minha pesquisa acabe passeado por alguns desses assuntos, o foco é abordar sobre autoestima dessas mulheres em uma perspectiva que mostre essas mulheres como protagonistas das ressignificações de suas representações sociais, e autoras no processo de aceitação e valorização de seus corpos e na ajuda para que outras mulheres negras se valorizem através de conteúdos produzidos na Internet.

Eu, como mulher negra, que já passou por discriminações e conflitos referente à minha estética, e com amante da psicologia, acho de grande importância falar da autoestima da mulher negra, mesmo compreendendo que a estima de si não é uma questão somente desse grupo de pessoas. Mas, devido às conjugadas formas de opressão, que reúne sexismo, machismo e racismo, essa categoria acaba sendo mais vulnerável a ter problemas em aceitar-se e a gostar de si. Porque trabalhar a autoestima dessas mulheres é preocupar-se com o bem-estar e com a qualidade de vida delas, visto que a estima de si é um indicador bem relevante na saúde mental e emocional de qualquer indivíduo. Podendo afetar negativo ou positivamente nas relações sociais, afetivas e psicológicas desses.

A escolha em falar da autoestima relacionando com as youtubers é de uma relevância porque o conteúdo produzido por essas influenciadoras do audiovisual por

³ SILVA, Isabele Santos. A mulher negra no mercado de trabalho informal em Santo Amaro BA. 2018. SANTOS, Mariana Reis. "E palavra amor, cadê?": a afetividade das mulheres negras que atuam como empregada doméstica em Salvador, Bahia. 2018.

além de destacar a beleza e estética negra, elas trazem para o público pautas político-sociais, com discussões que por muitas vezes estavam restritas às universidades.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar a atuação de mulheres negras que têm usado o ciberativismo para ressignificar e elevar positivamente a autoestima de mulheres negras

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Recortar os temas voltados ao empoderamento de mulheres negras no canal Youtube;
- Analisar os temas que têm mais repercussão entre as pessoas que interagem nos canais e blogs.
- Identificar e analisar as estratégias que as youtubers utilizam para empoderar as mulheres negras.

4 REFERENCIAIS TEÓRICOS

4.1 MULHER NEGRA

Por séculos, as representações sobre mulheres negras vieram acompanhada de estereótipos negativos. Isso devido o longo período de escravismo ocorrido aqui no Brasil, iniciado em meados do século XVI, até o final do século XIX. Nesse período o corpo negro era tratado de modo desumanizado e como mercadoria. Na transição do sistema escravista para o capitalista, as elites políticas e econômicas brasileiras construíram um conjunto de narrativas sobre as pessoas que descendiam dos escravizados com o intuito de manter a maioria submetida. Assim, se importou teorias

racistas, disfarçadas de ciência, qual desqualificava os negros e justificava o "poder" dos brancos sobre os estes. A partir disso o imaginário do ser negro foi sendo socialmente construído como algo negativo e inaceitável (FERNANDEZ E SOUZA, 2006, p. 107). O racismo brasileiro então foi construído, ainda no período escravista, como forma de substituir à dominação que antes passava pelo modo jurídico, livres e escravizados e depois da abolição passou para o caráter social racista, brancos e negros.

A forma como a mulher negra é vista hoje tem muito haver com essa herança escravocrata. E a permanência desses estigmas, impregnados no imaginário social, por serem reproduzidos constantemente pelas mídias visuais, afeta o desenvolvimento deste grupo de pessoas em vários setores de suas vidas.

Um dos estereótipos mais antigos é o da mulher negra forte, cuidadosa, trabalhadora e que nunca se cansa. Não importando se elas estão cansadas, doentes, se elas possuem sonhos, ou se estão passando por um momento difícil, a ideia de uma força inabalável é que a sociedade racista impôs a essas mulheres, lhes tirando a humanidade, e as colocando em um lugar onde não se tem outra escolha senão lutar, resistir. E mesmo trabalhando muito, isso não é reconhecido. Na época da escravidão e pós-abolição elas foram exploradas e subalternizadas. E mesmo que tenha mudado algumas coisas de uns anos para cá, o reflexo dessa subalternização se reflete até hoje.

Outro estereótipo que é bastante reforçado pelas telenovelas, é a mulher negra sexualizada e representada pela "mulata". A negra que não "serve" para o trabalho braçal, aquela que, por causa de suas curvas, e de seu "molejo" é considerada a mulher certa para "fornicar", como já escreveu Gilberto Freyre (1933) em sua obra, Casa grande e Senzala. Mas ainda que seja um estigma. A representação da mulata, por muitas pessoas, inclusive pessoas negras, é vista ainda hoje, infelizmente, como algo positivo. Isso se dá, julgo eu, porque a figura da "mulata" é uma negra com traços mais embranquecidos. Portanto, mais tolerado pela sociedade.

A categoria mulata, em diversos espaços, remete ao branqueamento, representando a negação da mulher negra e a passividade do gênero feminino. Os padrões de beleza transmitidos pela mídia brasileira constrói uma imagem de feminilidade relacionada às etnias brancas, impondo aos negros traços que remetam ao branco europeu, a mulata pode se encaixar nesse perfil, já que esta apresenta características negras mescladas com o mito de democracia racial, onde aplica que somos construídos a partir da junção das três raças: branco, negro e índio. Através dessa figura mítica, fica

implícito não só a intenção de trazer uma espécie de branqueamento a esta personagem, mas também o sustento de características de positividade e um forte apelo sexualizado que submetem à mulher negra, uma representação daquilo que deveria ter permanecido no passado, contudo traz ainda como marca, roupagens novas, mas com o mesmo significado (CUNHA & PAIVA, 2017, p. 4 e 5).

Por muito tempo, as mulheres negras não tiveram oportunidade de contar as suas próprias histórias e experiências. "Os livros estudados nas escolas, em geral, trazem a perspectiva do branco colonizador, refletindo uma educação calcada em uma sociedade eurocêntrica, machista e racista que relegou os negros e as negras a papéis subalternizados na sociedade" (Malta e Oliveira. 2016, p. 57) Então, durante esse tempo, as mulheres negras acabaram reféns da imagem que fora socialmente construída sobre elas.

A partir dos estudos acadêmicos a respeito das mulheres negras, sendo majoritariamente produzidos por pessoas negras, e as discussões levantadas pelo movimento negro, sejam em manifestações físicas ou em redes sociais, blogs e em outras ferramentas que a Internet oferece em que questionam essa imagem negativamente estereotipada e propondo novas perspectivas, de forma positiva, percebemos que as representações das mulheres negras vêm mudando gradativamente. Nas telenovelas "A representação dos atores negros tem sofrido uma lenta mudança desde a década de 60, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de total subalternidade" (ARAÚJO, 2008. P 980).

4.2 EMPODERAMENTO

A primeira coisa que me vinha à cabeça quando ouvia falar a palavra "empoderar" foi, com certeza, dar poder a algo ou alguém. E de certo modo, é o que a palavra sugere, quando não se têm um maior entendimento sobre o que o conceito quer dizer. E por conta disso o uso do termo é alvo de muito debate, por pessoas que não entendem, já que fica em questão sobre qual poder está se falando, e até mesmo de quem está dando o poder.

E parando para pensar nessa outra palavrinha, que está interligado no nosso conceito principal, empoderamento, o "poder" acaba tendo mais de uma interpretação, pois, assim como podemos enxergá-lo como algo que domina, que oprime, podemos também, pensar o poder como uma força humana, que advém de um de um coletivo, por exemplo.

De acordo com Rute Baquero (2012) o conceito de empowerment teve sua origem relacionada à reforma protestante em XVI, no continente europeu. Quando a

ação de traduzir a Bíblia fez com que pessoas que antes não tinham acesso, pudessem então saber o que realmente constava nos “escritos sagrados”. Mas o conceito se propagou mesmo, a partir dos movimentos sociais identitários e emancipatórios no século XX. Aqui no Brasil, a palavra empoderamento se tornou um neologismo da palavra inglesa “empowerment”, que segundo a tradução de Joice Berth (2018) do dicionário da Universidade de Cambridge, significa “O processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você” (2018, p. 19). Nessa mesma página a autora segue ressaltando que, para o sociólogo norte americano, Julian Rappaport, empoderar era uma forma de instrumentalizar grupos oprimidos para que eles tivessem autonomia. Paulo Freire, autor brasileiro que também cunhou o termo, ainda segundo Berth (2018) já acreditava em um auto empoderamento desses grupos subalternizados através da consciência crítica da realidade, junto a práticas de transformação.

Ou seja, empoderar nada tem a ver com tirar poder de algo, ou alguém para dar a outro. Mas sim, um mecanismo político-social, em que contribui com a emancipação de determinados grupos. Fazendo com que esses grupos se percebam imersos dentro de um contexto opressivo, pois o que acontece que muitas vezes grupos oprimidos não se enxergam como tal. O que dificulta uma mobilização para a saída desse estado. Então o processo é estimular essa tomada de consciência, sobre a condição social e política. Apresentando a esses grupos, a liberdade que se têm, para intervir nessa situação, caso queiram.

Empoderamento é um termo que geralmente está empregado em relação às mulheres. "Empoderamento Feminino" conceito utilizado pelo movimento feminista na década de 80, qual lutavam contra a discriminação e opressão sofrida pela desigualdade de gênero e social. Mas acontece que empoderamento feminino não é algo homogêneo. Devido a pluralidade de mulheres. E as mulheres negras acabaram não sendo contempladas porque além do machismo e do sexismo, elas tinham que lidar com o racismo também. Uma opressão que acaba influenciando nas outras formas de opressão e complexando-as. Então houve a necessidade de criar-se, dentro do movimento feminino de empoderar, o empoderamento da mulher negra, porque, de forma interseccionada, abrange questões específicas dessas mulheres.

4.3 AUTOESTIMA

De forma comum autoestima é abordada como a representação de algo que é próprio do indivíduo. De forma recortada, se refere a características oriundas do sujeito. Como se a valoração que o sujeito faz de si mesmo fosse ligado a atributos natural do homem. E essas explicações dificultam compreender esse processo psicológico. Como explica Martins (2001):

o grande problema dessas abordagens reside no fato de que ao se debruçarem sobre seu objeto o tomam em separado da totalidade histórico-social que o sustenta. Ao perder sua sustentação, perdem-se as possibilidades de aprendê-lo em sua concretude, substituindo-se esta apreensão por outras, abstratas e vazias (p. 8-9).

Dessa forma, entende-se autoestima como um sentimento e valoração que o ser humano tem de si, desenvolvido a partir das relações que mantém com o mundo.

A autoestima está relacionada com o bem-estar, ou a falta dele, de uma pessoa com ela mesma. Assim, é de extrema importância para o desenvolvimento da estima de si do indivíduo, a forma como ele é criado e educado, no ambiente escolar e familiar. Mas o contexto cultural e social também são fatores que interferem na construção das representações sobre si próprio de cada pessoa.

A autoestima elevada tem a ver com gostar de si mesmo. Mas para isso é necessário o autoconhecimento, já que existem interferências exteriores. Quanto mais a pessoa se autoconhece e se enxerga como um indivíduo, que está em contínua relação com outros indivíduos, maiores serão suas capacidades de superar de se desenvolver como sujeito, e superar suas limitações. Desenvolvendo assim autocuidado e autovalorização.

O oposto é a autoestima baixa. Quando o sujeito está insatisfeito com a sua aparência e/ou a sua forma de ser. Isso gera sentimento de inadequação, incapacidade para realizar determinadas tarefas, e até mesmo incapacidade de receber e dar amor. Entre outras questões. Na maioria das vezes, isso é consequência de um padrão que é estabelecido pela sociedade, que geralmente as pessoas não conseguem se enquadrar, gerando frustração. Quanto mais foge desse modelo padronizado, mais afetado pode estar/ficar a forma com que as pessoas se enxergam.

E o que acontece em uma sociedade, onde há uma presença gigantesca de negros, asiáticos e indígenas, porém o modelo de beleza, estética, inteligência e até

mesmo de cultura tem um padrão branco. Como as pessoas não brancas vão se identificar?

Os negros brasileiros, por exemplo, passaram por um processo histórico extremamente complicado em que eram tratados de forma desumana, como objetos e uma mercadoria. Como diz a psicóloga Isildinha Nogueira:

A instituição da escravidão construiu, para os negros, a representação segundo a qual eram seres que, pela sua “carência de humanização” (porque portadores de um corpo negro, que expressava uma “diferença biológica”), inscreviam-se na escala biológica num ponto que os aproximava dos animais e coisas, seres esses que, legitimamente, constituem objetos de posse dos “indivíduos humanos”. (1999, p. 41)

E mais tarde, o ideal do branqueamento, segundo os autores Fernandes e Souza (2006) leva os negros à desejarem tudo aquilo que representa a sua negação, ou seja, a brancura.

Sendo assim, para a autora Ana Luiza Júlio (2011) falar sobre o processo de autoestima do povo negro brasileiro é valorizar atributos desse povo, reconhecendo e respeitando as qualidades de suas culturas. Conhecer sobre seus ancestrais negros e negras que se autoestimaram, e resistiram durante o processo histórico afro-brasileiro. Tornando-se assim uma referência, um modelo para se construir o que dentro da psicologia chamamos de autoimagem. Ela também cita, como exemplo desse "modelo" Zumbi dos Palmares, que acabou influenciando o que chamamos hoje de coletivo negro. A autora coloca a questão da estima de si do povo negro como um processo individual que acaba repercutindo no coletivo. É um processo sistêmico o que acontece com uma raça, influencia em cada sujeito pertencente.

Por isso há a necessidade de criar condições para que os negros construam a sua autoestima. Um processo de desenvolver autovalor atribuído a um povo como todo, mesmo que ainda necessite que esse processo seja feito de forma individual por cada indivíduo em sua experiência de negritude

4.4 CIBERATIVISMO

Os espaços midiáticos tradicionais (o rádio, a TV, os jornais impressos) são menos democráticos, não abrindo oportunidade para mostrar a pluralidade de pessoas aqui no Brasil, pois são um espaço comandado pela hierarquia de produção

e distribuição de maioria rica e branca. O ativismo nas redes nasce sendo um dos principais instrumentos para preservar a democracia do caráter comunicativo, pois cada vez mais a internet está ficando acessível a pessoas de diferentes classes sociais e pertencimentos étnico-raciais. Portanto, ações estão sendo feitas na internet com caráter cultural e sociopolítico com o intuito de reivindicar, divulgar causas e mobilizar a população visando estimular mudanças no cenário brasileiro e até no mundo.

De acordo com o autor Willian Araújo (2011), em seu texto Ciberativismo: Levantamento do Estado da Arte na Pesquisa no Brasil, o conceito ciberativismo é tratado como uma forma que os indivíduos e/ou grupos encontraram de utilizar as ferramentas da rede para potencializar suas ações políticas através dos ambientes midiáticos da internet. E cita Ugarte:

O ciberativismo é uma estratégia para formar coalizões temporais de pessoas que utilizando ferramentas dessa rede, geram a massa crítica suficiente de informação e debate, para que este debate transcenda à blogosfera e saia à rua, ou modifique, de forma perceptível o comportamento de um número amplo de pessoas (UGARTE, 2008, p. 111).

O autor também apresenta a ideia de André Lemos (2004) que defende o ciberativismo como práticas que colaboram com a política em rede. Ele também divide o ciberativismo em três partes. A primeira é a de possibilitar informação e conscientização e cita como exemplos o Greenpeace, a Anistia Internacional, etc; a segunda de promover organização e mobilização, ou seja, a partir da Internet se chama e organiza para um determinado evento nas redes ou nas ruas; e por último o “hacktivism”, ações na rede, que envolvem vários tipos de atos eletrônicos como enviar e-mails em massa, criar e etc.

O uso desse ciberespaço está acontecendo entre os movimentos sociais e a sociedade civil. Dentre eles, o que pretendo falar, o feminismo negro. São sites, canais no YouTube, como DePretas, Preta Pariu e Afros Afins. Que além de trazer questões de estética preta, abordam assuntos como colorismo, afetividade, solidão e outros assuntos que envolve a mulher preta. Também blogs como, por exemplo, o Geledés (<http://www.geledes.org.br/>), o Blogueiras Negras (<http://blogueirasnegras.org/>) que com seus textos compartilhados nas redes sociais como o facebook e o twitter, vem ganhando uma visibilidade bastante significativa.

Esse ciberespaço abre oportunidades para as mulheres negras contarem suas próprias experiências, e através disso, ajudar outras mulheres que vivenciam situações semelhantes.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta proposta de pesquisa terá uma abordagem qualitativa. "A pesquisa qualitativa tem como finalidade explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão" (BAUER; GASKELL, 2002, p.68) E a escolha desse método se dá por se tratar de uma pesquisa onde não há o interesse em respostas objetivas, contabilizadas em números exatos, mas em compreender as opiniões com uma visão mais ampla do cenário, e analisar as experiências individuais. Pois suas particularidades serão relevantes para o enriquecimento da pesquisa e a entender melhor o fenômeno estudado. A metodologia se dará primeiro pela análise de dados bibliográficos. Onde usarei como base referências tidas como 'leituras obrigatórias' sobre o tema, de preferência, os estudos mais recentes e de caráter científico.

A segunda parte da pesquisa será feita dando ênfase ao trabalho de mulheres negras dentro do ciberativismo, analisando seus conteúdos e a influência e repercussão que esse trabalho proporciona. Laurence Bardin define análise de dados como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1997, p. 42)

E também analisando seus discursos. De acordo com Eni Orlandi (2009) discurso traz um efeito de sentido entre os locutores. É uma metodologia bem utilizada na análise de textos da mídia e os ideais que os produzem.

Os canais de YouTube escolhidos são: Gabi Oliveira, que tinha seu canal anteriormente conhecido como DePretas. É uma carioca, atualmente, com 26 anos, graduada em comunicação social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Gabi foi palestrante no evento Rio2c e em Latin America Education Forum (LAEF), na

Universidade de Harvard. Ela criou seu canal em 2015, com a intenção de propagar, informações as vivências dentro da universidade para as mulheres negras, todavia, além de assuntos academicistas referentes as relações étnico-raciais, conteúdos com a estética negra. Dando dicas de maquiagem, produtos de cabelo e de moda, no geral.

O segundo e último canal escolhido é o Afros e Afins, dirigido por Nátaly Neri. Atualmente com 25 anos, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo - EFLCH, e participante de coletivos feministas e de movimentos negros em geral, dentro da universidade. Seu canal teve início em 2015. Onde incentiva a independência intelectual, financeira e estética da mulher negra, com discussões que abordam consumo consciente, empoderamento feminino, racismo, se baseando nos conhecimentos que vem constantemente adquirindo na sua graduação e dentro dos espaços que milita. Em seu canal também aborda questão de estética e moda de forma consciente. Como vegana, ela ensina como fazer algumas maquiagens com produtos naturais, ensina também a trançar cabelo e a customizar roupas.

Em terceiro e último, a baiana Maíra Azevejo, conhecida como Tia Má, é jornalista e influenciadora digital. Ganhou prêmio de jornalismo Abdias do Nascimento, pelo caderno Especial da Consciência Negra, em 2014. Foi eleita, em 2015, uma das 25 mulheres negras mais influentes da internet. Ela fez parte da equipe do Encontro: Com Fátima Bernardes na rede Globo. E na internet, com seus vídeos curtos, de dois a três minutos em média ela aborda assuntos do cotidiano, como trabalho, relacionamentos, sexo, autoestima, empoderamento feminino e também participa na luta contra o racismo e a homofobia.

Depois do recorte dos temas mais relevantes, será feito uma análise de discurso de 5 (cinco) vídeos que serão escolhidos de cada influenciadora digital. Esses vídeos serão analisados com base no engajamento dos seus espectadores. Os números de likes, de comentários e até de compartilhamentos serão levados em consideração.

Por último, um questionário será produzido para as ciberativistas, com o intuito de saber o que as levou produzir esses conteúdos no ciberespaço, saber um pouco sobre sua atuação no ciberativismo, e a sua vida pessoal pós essa atuação.

6 CRONOGRAMA

Cronograma a ser seguido no curso da terminalidade nos três últimos semestres do curso:

SEMESTRE	Atividades				
	Leituras e fichamento dos textos sobre os principais conceitos.	Pesquisa de conteúdo nos blogs e canais	Elaboração e envio de questionário para as ciberativistas	Escrita do TCC	Defesa do TCC
1º semestre	x	X			
2º semestre	x	X	x	x	
3º semestre				x	x

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Joel Zito. A força de um desejo: A Persistência da Branquitude como padrão estético audiovisual. São Paulo: 2006
- ARAUJO, Joel Zito. O Negro Na Dramaturgia, um Caso Exemplar da Decadência do Mito da Democracia Racial Brasileira. Florianópolis: 2018
- ARAÚJO, Willian, Fernandes. (2011), Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. *Anais do V Simpósio Nacional ABCiber*, Florianópolis.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. EMPODERAMENTO: Instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. v.6, n.1. 2012
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018
- CUNHA, Patrícia da Silva Simões da; PAIVA, Jéssica Souza de. A Erotização da Mulata da Cultura Brasileira. 2017
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. N.63. 2016
- FRANCO, Adriana de Fátima. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. V 13. N 2. Revistas semestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional (ABRAPEE). 2009
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. – 5ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- INFORMAÇÕES SOBRE 'AFROS E AFINS' - <http://criadoresid.com/criador/nataly-neri/>
- INFORMAÇÕES SOBRE 'GABI OLIVEIRA' - <http://dlicenciandobiblio.com/gabi-oliveira-2/>
- INFORMAÇÕES SOBRE 'GELÉDES' (geledes.org.br)- <http://www.redededefesadedireitos.com.br/assistencia-juridica/geledes-instituto-da-mulher-negra/>
- INFORMAÇÕES SOBRE O BLOG 'NA VEIA DA NEGA' - <http://www.naveiadanega.com.br/p/o-blog-na-veia-da-nega.html>
- JULIO, Ana Luiza. Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras. Protestantismo em revista, São Leopoldo, RS, v.24 jan.-abr. 2011

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaise Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço. 2016

MARTINELLI, Andrea. Autoestima das mulheres e uma questão crítica no mundo todo, afirma pesquisa. HuffpostBrasil. 20 de jul. de 2016

<https://www.huffpostbrasil.com/2016/07/20/autoestima-das-mulheres-e-uma-questao-critica-no-mundo-todo-a_a_21693481/>

MARTINS, L. M. (2001). Análise sócio-histórica do processo de personalização de professores. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo

MATTOS, Luane Pereira. A influência das telenovelas no comportamento dos telespectadores. Brasília: 2008

MIRANDA, Carlos Augusto. Negro, Publicidade e o Ideal do Branqueamento da Sociedade Brasileira

NOGUEIRA, Isildinha B. (1999), "O Corpo da Mulher Negra". *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIII, nº 135, pp. 40-45.

SANTOS, Mariana Reis. "E palavra amor, cadê?": a afetividade das mulheres negras que atuam como empregada doméstica em Salvador, Bahia. 2018.

SCHULTHEISZ, Thais Sisti de Vincezo; APRILE, Maria Rita. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. 2013

SILVA, Ana Beatriz Fernandes Lima. Visibilidades e Invisibilidades: A mulher negra e a moda na sociedade brasileira. Juiz de Fora: 2017,

SILVA, Isabele Santos. A mulher negra no mercado de trabalho informal em Santo Amaro BA. 2018

UGARTE, David de. O poder das redes . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.